

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 121

Data: 03.01.75 Pg.: 15

Chacina não muda a Funai

Do Correspondente e da Sucursal

A Funai não mudará sua política nem o método de atração dos índios waimiris-atroaris, assim como a rodovia Manaus-Caracará, que corta o território indígena, continuará sendo construída — anunciou ontem, em Manaus, o ministro do Interior, Maurício Rangel Reis. A única alteração, segundo o ministro será o fortalecimento das frentes de trabalho, na estrada e postos indígenas, com pessoal treinado.

Em Brasília, a direção da Funai, sem dar nenhuma explicação para o ataque dos índios, domingo passado, quando morreram três de seus servidores, entre eles o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo, anunciou apenas que completou "com êxito" a retirada de seu pessoal da área. E revelou que três nomes estão sendo discutidos para substituir Figueiredo na frente de atração dos waimiris-atroaris. Eles deverão fazer um relatório reservado sobre o método de trabalho que poderiam adotar e, só depois disso, o nome será aprovado.

O sobrevivente Ivan Lima, e o delegado da Funai no Amazonas, enquanto isso, davam novos pormenores da chacina. O delegado Francisco Mont'Alverne disse que Gilberto Figueiredo foi chamado na noite de sábado pelo chefe atroari Maroaga e, no mesmo dia,

num avião fretado, chegou ao posto indígena do rio Santo Antonio do Abonari. "Maroaga preparou a chacina escondendo as principais armas no terreno do posto e Gilberto sabia que estava sendo esperado por 30 guerreiros", disse Mont'Alverne, esclarecendo que pela manhã cedo, quando preparavam as canoas para seguir até a aldeia, os funcionários foram atacados.

O sobrevivente Ivan Lima estava na margem do rio, lavando o rosto, quando viu um arco armado contra si. "Só tive tempo de pular na água e mergulhar fundo. Quando voltei à tona, ouvi gritos de socorro dos meus companheiros que já se encontravam com o corpo coberto de flechas. Foi Deus que me salvou das garras daqueles traçoctros".

A CAUSA?

A única interpretação do ataque ao sertanista Gilberto Figueiredo, foi dada pelo delegado Mont'Alverne como suposição: os índios estariam com ciúmes, pois o sertanista iria visitar uma tribo inimiga dos atroaris. Figueiredo, contudo, estava em contato com os índios desde 1967, era respeitado e os respeitava. Mas uma de suas dificuldades, como disse o pastor Benjamin Bennet, que aluga seu avião à Funai, era o desconhecimento da língua dos índios; sabe-se apenas que é do tronco karib, mas Gilberto Figueiredo conhecia somente alguns vocabulários; basicamente, entendiam-se por gestos.

Bennet, que frequentemente leva alimentos aos índios em seu hidroavião —

jamais pousou, lançando-os do alto — acha que isso é um erro da Funai. "Como se pode pretender pacificar os índios se não se conhece os princípios rudimentares do seu dialeto?". De qualquer forma, arriscou uma interpretação para a chacina: os atroaris estão cada vez mais descontentes com a construção da rodovia, que agora avança sobre seus campos de caça.

Desde domingo, no entanto, as obras estão suspensas. O coronel Moreira de Souza, chefe do Estado-Maior do 2.º Grupamento de Engenharia e Construção, o comandante do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção, que abre a estrada, e o delegado da Funai, vão se reunir para estudar a maneira mais segura de as obras prosseguirem. O BEC, porém, já anunciou que vai tentar descobrir por que os índios atacam depois de receber presentes.

Aparentemente, a Funai vai ter dificuldades em encontrar materiais dispostos a prosseguir os contatos com os waimiris-atroaris. Além de pagar salários baixos, a Fundação não pode dar garantias aos funcionários. Disso sabem os sertanistas Sebastião Amancio, Giuseppe Craveiro e Afonso Alves de Souza, cotados para substituir Gilberto Figueiredo na chefia da frente de atração. Amancio, que já trabalhou junto aos marubos e maiorunas na rota da Perimetral Norte, levaria ligeira vantagem sobre os demais, por ter a preferência do presidente da Funai. Suas táticas de atração, inclusive, assemelham-se às do colega morto.

Igreja respeita valores culturais

Até o início do século passado o objetivo do Estado e da Igreja era catequizar e civilizar os índios de acordo com a mentalidade etnocêntrica da civilização ocidental europeia, pouco se interessando pela preservação dos valores culturais dos indígenas. Hoje, contudo, diz o padre José Vicente Cesar, presidente do Conselho Indigenista Missionário, parte-se do princípio de que todos os valores autenticamente culturais, sobretudo os espirituais, são originariamente criação de Deus; portanto, não podem estar simplesmente em contradição ou oposição com os dados da revelação especial da Bíblia.

Padre Cesar discutiu o assunto na recente reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em Florianópolis por 200 especialistas. Mostrando a evolução da posição da Igreja, o missionário e antropólogo lembrou que em 1956, num congresso de religiões, falou-se na contribuição que a etnografia e a sociologia podem prestar ao bom encaminhamento das missões indígenas; em 1968, num encontro promovido pela Conferência dos Bispos, concluiu-se ser ne-

cessário "conhecer, respeitar e prestigiar a cultura de cada grupo indígena". Em 1970, os missionários assumiram o compromisso de preparar os índios para uma integração harmoniosa na sociedade nacional.

A partir de 1972, segundo o padre Vicente Cesar, na sede do Instituto Antropos do Brasil, as linhas da pastoral indígena se tornam mais claras, no sentido de preservar as culturas indígenas. Isso, inclusive, refletiu no Estatuto do Índio, pelo qual muito trabalharam os missionários.

"Agora, pela primeira vez na história deste País, se reconhece que não somos nem queremos ser uma configuração cultural uniforme e monopolítica, calcada na civilização lusobrasileira, mas uma unidade cultural pluriforme adulta e amadurecida que não teme enriquecer-se das contribuições culturais que outros povos nos possam trazer. Em 1970, um senhor general presidente da Funai ainda tachava nossas populações índias de indesejáveis "quistos étnicos" a avançar o decantado desenvolvimento nacional, expressões infelizes que a opinião pública repeliu corajosamente. Hoje a política indigenista, tanto da Igreja como do governo, é de preservar ao máximo os valores culturais de nossos índios incorporando-os harmoniosa e cristãmente ao patrimônio espiritual brasileiro".